

Executivo da Unilever afirma que a UE foi precipitada sobre biocombustíveis

Janes Rocha

O executivo holandês Jan Kees Vis, diretor para a divisão de Agricultura Sustentável da gigante Unilever, se soma às críticas do presidente Lula à opção europeia de fabricar biocombustíveis a partir de alimentos (milho e canola). "Fomos muito precipitados quando introduzimos metas como 5,75% em 2010 e 10% em 2020", diz Kees Vis, referindo-se às metas estabelecidas pela Comunidade Europeia para a substituição de combustíveis fósseis por biocombustíveis.

Para ele, este é o motivo do colapso na produção de alimentos mundial, que já estava sob risco pelas perdas de produção causadas pela seca em vários países e o forte crescimento da demanda da Índia e da China.

Terceiro maior grupo processador de alimentos do mundo depois da Nestlé e da Kraft Foods, a Unilever é dona de 400 marcas, entre elas ícones como a maionese Hellmann's e os chás Lipton. No ano passado o grupo registrou em seu balanço um impacto de 2,2 pontos percentuais da alta dos preços das commodities em seu faturamento anual de ? 40,2 bilhões de euros, ou seja, quase ? 900 milhões de euros.

Químico de formação, Kees Vis conduz 11 programas de agricultura sustentável apoiados pela Unilever em todo mundo, além de negociar com a cadeia de fornecedores a adoção de critérios sustentabilidade na produção de alimentos. E também faz as vezes de um "chanceler" do gigante holandês, representando o grupo nas negociações com as autoridades da Comunidade Europeia em Bruxelas e americanas em Washington, além de ser o responsável pelos contatos com as organizações não-governamentais e empresas de alimentos.

"Fomos muito precipitados quando introduzimos metas como 5,75% em 2010 e 10% em 2020", diz Vis

Membro da Associação pela Soja Responsável, Kees Vis falou com o Valor durante um intervalo da 3ª Conferência Internacional de Soja Responsável realizada esta semana em Buenos Aires. Questionado sobre as causas da crise atual na produção de alimentos, Kees Vis aponta três principais motivos.

"Por um lado, o crescimento econômico na Índia e na China causaram um aumento na demanda por comida no mundo e mudanças na dieta. As pessoas estão incluindo mais proteína animal em sua dieta, o que significa que é necessário mais grãos para alimentar os animais. Por outro lado, temos visto algumas quebras de safras no ano passado em razão da seca causada, provavelmente, por efeitos das mudanças climáticas", avalia Kees Vis. E completa: "O terceiro motivo é a potencial demanda por biocombustíveis".

Ele lembra que a demanda por alimentos é inelástica - "comemos o que precisamos para viver e a demanda não vai cair nem subir com a variação de preços" - e que,

como não se pode pedir que chineses e indianos comam menos, acha que é preciso repensar a aplicação de grãos na fabricação de biocombustíveis. Além disso, afirma o executivo da Unilever, todo o caos criado com o deslocamento de grãos para a energia não vai resolver o problema. Para um consumo de 83 milhões de barris diários de combustíveis fósseis, a produção de biocombustíveis é de apenas 2,2 milhões de barris.

"Se você olhar os volumes totais de óleo de soja, de milho e canola que estão sendo usados para a produção de biocombustíveis ou biodiesel, não são grandes em comparação com os volumes totais produzidos. Mas na situação em que a oferta e a demanda estão muito próximas, a combinação dos três fatores tornam a situação crítica", afirmou.

As opiniões de Kees não são apenas pessoais, são também da Unilever. "Nós definimos uma posição de que as políticas de governo não devem estabelecer metas elevadas para os biocombustíveis, por uma série de razões, mas a principal é que nós precisamos de estabilidade na produção de grãos. Se temos um aumento na demanda, a primeira resposta do mercado será mais desmatamento".

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 25, 26 e 27 abr. 2008, Agronegócios, p. B16

A utilização deste artigo é exclusivo para fins acadêmicos e científicos.